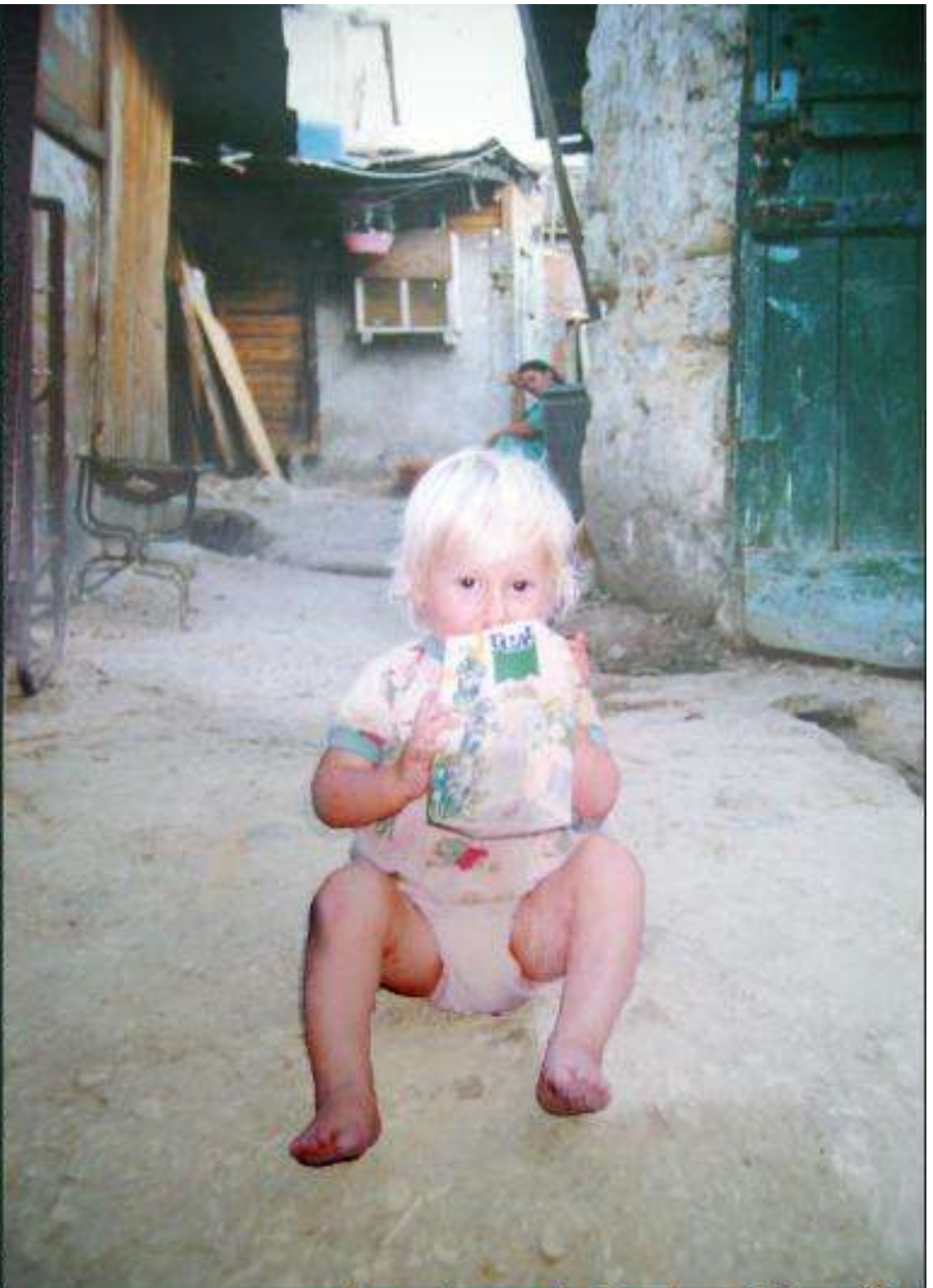


A VIDA que eu não escolhi...



Reportagem de Pandora Guimarães

Laboratório de Géneros Jornalísticos
Professora: Ana Leal
Nº6094, 1ºano, Turma B de Jornalismo
01/07/2011



ESCOLA SUPERIOR INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL



Vamos regressar à nossa infância. As boas recordações fazem-nos sorrir: passear no parque, apanhar flores, andar de baloiço, ouvir histórias sobre príncipes e princesas que os nossos pais liam antes de adormecermos, receber aquele beijinho na ferida quando caíamos... O João, a Margarida e a Fernanda conheceram outra realidade! A violência veio daqueles que os deviam proteger. Os seus melhores amigos são a solidão e a revolta. Eles são vítimas, mas tornaram-se agressores. Este é um ciclo vicioso que é muito difícil quebrar sem uma ajuda exterior à família. O João é o único que ainda tem esperança de conseguir encontrar a saída do labirinto, mas é um caminho difícil. Do lado de fora, está a Sabina, a Rafaela e a Vanessa. Elas também foram vítimas, mas conseguiram vencer o passado e lutam diariamente pela vida que ambicionam e merecem. Foi a Aldeia SOS de Crianças que as ajudou neste processo.

É uma dura realidade! São vidas que eles não escolheram ter, mas que podem mudar. Aqui não há dragões, nem duendes, nem bruxas, como nos contos de fadas... Há guerreiros!



À procura de uma saída

“Carinho, basicamente, eu nunca o tive. Tive sempre aquela rejeição, em vez de afecto...”, diz tristemente o João, um jovem com apenas vinte e um anos de idade. Se tivesse de escolher uma palavra para descrever a sua infância, seria: angústia. Este rapaz é vítima de maus tratos físicos e psicológicos por parte do pai. Quando fala das discussões, fala com raiva. A voz sobe de tom e o seu semblante altera-se. A mãe? Partiu, e nunca mais voltou. A violência faz parte da sua vida e, por isso, ele seguiu as passadas do pai e tornou-se um agressor.

Actualmente, o João está a tirar um curso de formação em cozinha e pastelaria. Começou há um ano e meio e a 6 de Junho de 2012 termina. “Estou desejoso de acabar. Assim que tiver os papéis na minha mão, nunca mais ninguém me vê”, explica. Ele pretende ir para França, onde estão os primos que o podem ajudar: são donos de um restaurante e de uma mercearia. É este o seu plano para mudar a sua vida.

O João vive com o pai, a madrasta e as suas duas irmãs, com sete e dezasseis anos. Como qualquer jovem, costuma sair à noite “quando o pessoal combina”. Locais como o bairro alto, as docas e a casa de amigos são os destinos mais frequentes. Ele confessa que costuma fumar, com alguma frequência, drogas leves. Não bebe para esquecer: esse é o papel dos charros. São os “charrinhos”, como lhes chama, que o fazem descontraír e fingir que esquece os problemas. “Faço-me de esquecido, depois de fumar. Faço de conta que as coisas estão bem. As drogas aliviam-me e também me metem mais mole. Depende da droga que meto”, confessa.

O pai castiga-o com recurso à violência: chapadas, pontapés e atirar objectos são os

métodos preferidos. “Agora, já nem dói. Habituei-me, claro! Com tantas chapadas que eu levava... Da última vez, levei uma e nem me mexi. Antes, ele dava-me e eu até recuava com a força.” O João orgulha-se de ser agredido pelo pai e já não chorar ou mostrar medo. Pensa que cresceu, que já é um homem...

Quando recuamos para perceber a origem desta educação violenta, centramo-nos no pai, enquanto vítima. “Ele sempre levou no focinho; sempre levou porrada... Quando fazia porcaria, o meu avô atirava-lhe a primeira coisa que lhe viesse à mão: fossem paus, ferros, mangueiras do gás, cabos de electricidade, o que fosse. O que tivesse à mão era o que atirava. E ele, como sempre teve essa infância, quer educar os filhos assim”, explica o João ao contar a infância do pai. Ele concorda que não é a melhor maneira de educar uma criança e espera um dia quebrar este ciclo, mas sabe que é difícil. Sempre que conta um episódio violento, termina dizendo que não é nada de mais, apenas a “realidade”...

O João já fugiu várias vezes de casa, chegou a dormir na rua para tentar fugir do pai, mas acabou sempre por voltar quando este o procurava. No entanto, o arrependimento desvanecia-se pouco tempo depois e o terror

O João mostra a sua “menina”, com orgulho. É uma naifa!



acabava sempre por voltar. “Eu acho que ele às vezes arrepende-se. Naquela altura, achei que foi um arrependimento sincero”, explica João ao referir a sua última fuga, quando tinha quinze anos. O pai foi buscá-lo e, segundo as palavras do João, desculpou-se a

chorar: “o pai não devia ter feito aquilo, o pai estava cansado, estava cheio de problemas e tinha de arranjar alguém para descarregar.”

No que diz respeito ao percurso escolar do João, ele foi expulso e tinha um mau aproveitamento. Conta que faltava muito e que desafiava os professores. Eram coisas que ele

fazia para ser aceite no grupo de amigos em que estava inserido. “Havia também porrada e confusões. Umas eram comigo, outras não. Eu chegava lá, tipo espectador e começava a aviar cartuxo. Não era nada comigo, mas eu começava a aviar cartuxo!”, explica. Normalmente, estas agressões serviam para proteger

“ Eu posso levar, mas as primeiras que eu der são mesmo para fazer cair. E quando tiverem no chão, é tudo meu!”



amigos ou conhecidos que se metiam em confusões, mas, com o João, as coisas tomavam outras proporções. “Eu posso apanhar, mas também dou. Houve um que uma vez foi com o braço partido para casa. Mandei-o ao chão e dei-lhe um pontapé no braço (no sítio certo)”, explica João exemplificando com os pés. Este episódio levou o João a tribunal.

Quando chegou a casa e contou ao pai que tinha sido excluído da escola, a notícia não foi bem aceite. O João afirma que foi depois de ter sido expulso e ser considerado um “caso perdido” que chegou ao Instituto de Apoio à Criança, IAC. Integrou-se no Projecto Rua e conseguiu fazer o 9º ano e aprender alguns valores e como viver em sociedade, coisas que nunca tinha aprendido. Depois do Projecto Rua, esteve um ano e meio parado, mas acabou por conseguir entrar para a formação em que está actualmente.

Há todo um historial de violência e agressividade na vida do João, seja como vítima ou agressor. Ele não consegue evitar meter-se em confusões e resolve os problemas através da violência. “O pessoal que quer vir tirar-me a pinta de otário: Ah e tal porque és puto... Ou porque tas na minha zona, ou por isto e aquilo... Não devias estar aqui e não sei o quê. E eu tive capoeira... a mim não me agarram! Eu posso levar, mas as primeiras que eu der são mesmo para fazer cair. E

Quando recuamos para perceber a origem desta educação violenta, centramos no pai, enquanto vítima.

quando tiverem no chão, é tudo meu! Se for mais do que um, tenho de me aguentar (encolhe os ombros). Mas também digo: quando os apanhar um a um, façolhes a folha! Eu sempre fui muito vingativo. Se me fazem mal, aquela pessoa fica marcada. Posso deixar de ver essa pessoa um ano, dois anos, mas se vir ela na rua e reconhecer ela, eu vou ter com ela e não

pergunto horas!” – faz o gesto e o som de um murro. O João confessa que a sua agressividade deve-se à educação que teve do pai. Nota-se uma maior instabilidade no discurso do João quando ele fala da separação dos pais, principalmente quando fala na mãe que os abandonou e saiu de casa quando este tinha apenas cinco anos de idade: “Ao princípio, a minha mãe era tudo para mim, mas agora não é nada”. Até aos quinze anos, o João manteve o contacto. No entanto, a relação entre eles foi cada vez se deteriorando mais. O João nunca pôde escolher com quem queria ficar, se com o pai ou se com a mãe. Ela tentou várias vezes ficar com a guarda dos filhos, mas nunca conseguiu. Não tinha condições para os criar e isso dificultou o processo. Quanto aos maus tratos, o pai do João disse em tribunal que aquilo que fazia ao filho não era nada comparado com o que ele tinha sofrido durante a infância. O João perdeu por completo o contacto com a mãe há cerca de 7 ou 8 anos. “A minha mãe foi uma desilusão para mim”, diz com tristeza.

Perguntei directamente ao João se ele já tinha roubado e, sem receio, confirmou. O João explica que eram coisas que ele não tinha dinheiro para ter, como telemóveis que o pai não lhe comprava. O jardim onde estávamos a conversar foi um dos muitos sítios em que o João chegou a roubar. Exemplificou com gestos qual era o procedimento. Quando lhe pergunto

como é que ele costumava roubar os miúdos, o João mostra a sua “menina”, com orgulho. É uma naífa! Ela anda sempre com ela, seja para onde for e já a utilizou muitas vezes para intimidar as pessoas. Quando lhe digo que é “grandinha”, pois foi o único adjetivo simpático que encontrei, ele justifica-se que não tem mais do que quatro dedos. Ele trazia-a no bolso, e explica-me como é que faz para entrar com ela para sítios com segurança, como no Rock in Rio. “Eles revistam-me, mas não a encontram. Eu meto-a no rego do rabo. Eles passam a máquina, mas conforme eles passam eu aperto e aquilo não apita. Depois passava, desmarcava-me lá para o fundo e caía-me pelas



calças”, descreve. O processo parece tão simples para o João que se percebe que não foram poucas as vezes que enganou a polícia e transporta a naífa, que não tem mais do que quatro dedos, para locais que não são permitidos. Diz que nunca usou realmente a sua “menina” e que serve apenas para avisar e ameaçar quando é preciso. “Seja agora ou no futuro, é igual. Se ele mostrar que me vai dar, eu não vou recuar e não vou estar à espera que ele me dê primeiro. Eu vou partir logo para cima dele.”

Queria saber o que é que ele sentia quando estava a agredir alguém. Se ele tinha consciência do que estava a fazer ou se era instintivo. “Depende da situação. Houve uma vez que perdi completamente a noção do que estava a fazer.” É nesta altura que o João conta a pior agressão que cometeu na sua vida. Estava ainda na escola e viu da janela da sala de aula o seu melhor amigo a ser agredido, numa esplanada de um café, por dois jovens. Sem

hesitar, saiu da sala de aula e foi ajudar o amigo. “Disse ao meu amigo para sair dali. Empurrei um deles para o lado, ele foi contra a mesa e ficou no chão caído. O outro vem para me dar um soco, eu desvio-me e começo a dar-lhe pum, pum, pum (faz gestos). O outro tenta-me agarrar, mas eu dou-lhe uma cabeçada e ele vai contra o vidro. O gajo ficou lá no chão também estendido, à rasca, enquanto eu estava em cima do outro a dar-lhe pum, pum, pum. E ele virava a cabeça para um lado, para o outro, para um lado, para o outro... Levantava-me e dava-lhe pontapés. Até que ouvi as sirenes e eu pensei logo: Hi, tou f****. Pirei-me para casa e no outro dia disseram-me que o bacano tinha ido para o hospital muito mal e não sei quê. A mãe de um deles veio à escola para saber quem era o responsável. Quando falou comigo perguntou-me se eu sabia o que tinha feito e que ele estava em estado crítico. Eu disse: estado crítico? O que é isso de estado crítico?” (goza com a situação).

O João estava no terceiro ano da primária. Tinha doze anos quando quase matou outro jovem.

O João explica que o rapaz. “ficou todo partido”, mas só mais tarde é que o viu na rua... de cadeira de rodas. Isso deixou-o a pensar naquilo que tinha feito, mas diz que na altura só pensava em proteger o amigo. Se não tivesse ouvido as sirenes, teria sem dúvida continuado até matar o outro jovem. Ele sabe que as consequências poderiam ter sido muito graves. O João estava no terceiro ano da primária. Tinha doze anos quando quase matou outro jovem. “Só depois de fazer o “trabalho” é que fico a pensar. Eu quando começo, se for com pessoas que eu gosto, fico cego completamente. Venha lá quem vier para me separar leva toda a gente: seja mulher, seja crianças, seja quem for, leva.”

O João quer que os seus filhos estudem. “Espero que eles tenham a educação que eu nunca tive”, diz. Ele está convencido de que à medida que o tempo passa vai aumentar a sua maturidade e diminuir a sua agressividade. Não quer bater nos filhos e tenciona recorrer aos castigos para educá-los.

Perguntei ao João qual era o melhor momento na infância que se recordava. Isto é uma pergunta que quase todos sabem responder. Há sempre aquele abraço, aquele sorriso, aquele dia em que foram todos juntos a algum lado... Mas, quando lhe faço esta pergunta, fica envergonhado: olha para o chão e coça a cabeça. O João tenta recordar o melhor momento da sua infância, mas não consegue lembrar-se de nada. Tenta responder com momentos recentes, mas eu salientei: “João, momentos bons da tua infância”. Triste, o João responde hesitante: “acho que não tenho...” Espantada, tento puxar alguma boa recordação e pergunto-lhe por algum carinho que ele se lembre na infância e que o faça sentir-se bem. “Carinho,



O João tenta recordar o melhor momento da sua infância, mas não consegue lembrar-se de nada.

basicamente, eu nunca o tive. Tive sempre aquela rejeição em vez de afecto”, desabafa. O João conta que quando era mais novo e ia deitar-se, tentava despedir-se do pai e da madrastra com um beijo de boas noites, mas o pai sempre lhe virou a cara. Da mãe? Nem sequer se lembra de um carinho... Estes pequenos gestos perturbam o crescimento de uma criança. São gestos que para nós são um dado adquirido, mas para o João, é algo que nem consegue imaginar:

“O teu pai nunca te elogiou?”, perguntei-lhe. Os olhos do João tentam esconder a mágoa que sente, sem grande sucesso. Faz um sorriso triste e hesita ao falar: “Não... (respira fundo). Ele mete sempre defeitos em alguma coisa que eu faça. Mesmo que eu faça bem...” Perguntei-lhe como é que isso o fazia sentir e o João olha para o chão, evitando o contacto visual: “por isso é que eu sou revoltado. Não sei explicar... Às vezes fico a pensar porquê eu, porque é que tudo me acontece...” É apenas nisto que o João consegue tirar afecto: no silêncio. Não existem abraços...

Na altura em que vivia nas barracas do Areeiro, antes de ser realojado para o bairro do Armador, passou o pior momento da sua vida -

tinha oito anos. Vivia ainda com o avô e este foi atropelado na estrada quando ia comprar uma corrente para o triciclo, necessário para ir vender a fruta. O João viu o avô cheio de sangue no chão e lembra-se dos choros e dos gritos das irmãs, dos polícias a chegar. Uma confusão e terror que assim que começa a lembrar-se surgem lágrimas nos olhos e cerra de imediato os punhos. Diz que teve de recuar

para tentar levar as irmãs para longe daquele cenário e sofre com o facto de não ter ido ao enterro porque a mãe não o deixou ir. Ainda a chorar diz: “Eu espero poder dar o melhor aos meus filhos para não passarem o mesmo que eu... e que as minhas irmãs.” O João continua a chorar, um pouco desorientado por

se ter ido a baixo e só murmura: “às vezes custa...”

É nesta altura que o João revela que já tentou fazer mal a si próprio. O João tentou suicidar-se: pensou na separação dos pais, na mãe que o desiludiu, na relação conflituosa com o pai, no insucesso da sua vida. “Não dava. Houve um dia que eu disse: não, isto assim não dá. Eu sou muito novo e não aguento mais. A única maneira que encontrei foi matar-me.” O João tentou saltar de uma ponte.

Por vezes, este rapaz consegue sentir algum orgulho por já ter mudado alguns comportamentos na sua vida, mas sabe que ainda tem um caminho longo a percorrer. Ele gostava que um dia chegassem ao pé dele e lhe dissessem: “Tu conseguiste vencer apesar das dificuldades que tiveste, tu conseguiste! Estás de parabéns, tu conseguiste!” O João dá o seu melhor sorriso, com alegria e orgulho estampado no rosto. Ele quer mudar para lhe poderem dizer essas palavras. Fica contente, levanta os braços em sinal de vitória e ri-se com gosto.

Digo-lhe para me revelar três desejos. “Primeiro, acabar a minha formação. Segundo, ter a vida mais pacífica: ter o meu trabalho, a

minha família, com filhos, ir para França. Em terceiro lugar, ajudava a minha família economicamente porque apesar de tudo eu gosto deles.”

O João ama a sua família e preocupa-se com ela. Perguntei-lhe se alguma vez ele achava que os pais lhe agradeceriam se ele os ajudasse, mas a tristeza estampou-se na sua cara. “Não sei. Espero que um dia isso venha a acontecer, mas não sei.” É notório que o João não tem esperanças em receber qualquer demonstração de afecto por parte do pai. Ele gostaria de ajudar a sua família porque lhe dá muito valor, gosta deles apesar do sofrimento que já lhe causaram e o que tudo isso implicou na sua vida, mas tem noção daquilo que pode e não pode esperar deles. Não há abraços, não há carinhos, não há esperança de amor, não há elogios, não há nada que se assemelhe, nem de perto, ao amor paternal.

Mãe, onde estás?

Estamos na Guarda, uma cidade hospitaleira que fica a mais de 300km da capital. Perto do Rio Diz, há uma pequena aldeia: a Aldeia de Crianças SOS da Guarda. Esta não é uma aldeia comum, pois é aqui que são integradas crianças órfãs, abandonadas ou pertencentes a famílias de risco. E é também aqui que estas crianças encontram a protecção e o carinho de um lar. Segundo o pedagogo João dos Santos, é preciso uma aldeia inteira para criar uma criança e esta rede de aldeias, que acolhem, protegem e educam-nas, é a prova de que isso é verdade.

A Aldeia da Guarda nasceu em 1986 e, actualmente, vivem lá vinte crianças, quatro mães sociais e o director Mário Rui Baudouim. A Aldeia dá primazia à entrada de irmãos, mas tenta-se que as crianças tenham até dez anos e é-lhes traçado um perfil psicológico para descobrir se a Aldeia é o melhor local para elas ficarem. Quanto mais jovem for a criança quando entra na instituição, maior a probabilidade de existir sucesso na sua recuperação – os danos são menores. No entanto, quando acompanhadas com irmãos mais novos, estas tentam ser uma referência positiva e geralmente conseguem adaptar-se.

O Dr. Mário Rui explicou que cada criança que chega tem uma história de vida única. No



entanto, têm um traço comum: na sua maioria, foram negligenciadas (saúde, afecto, alimentação, educação) e sofreram maus tratos físicos e psicológicos. É notório o grande défice cognitivo devido a uma alimentação deficitária durante a infância.

Esta Aldeia tem um programa de fortalecimento familiar que tenta criar condições às famílias para melhor protegerem e cuidarem das crianças, combatendo o abandono e promovendo a manutenção da família biológica. Com este contacto exterior, junto das famílias, o Dr. Mário Rui pode dizer que normalmente os pais destas crianças também foram negligenciados e mal tratados: “ninguém cuidou deles enquanto crianças. Eles cresceram num ambiente de agressividade, problemas de alcoolismo, de falta de acompanhamento escolar... Tornaram-se adultos agressivos, com problemas de saúde que resulta em alcoolismo e toxicodependência”.

A Ana Paula Quintela é mãe social desta instituição há dois anos e meio. Veio de Lisboa, onde trabalhava como animadora sociocultural com crianças e jovens em bairros sociais. Integrou vários projectos de inserção social, mas entrar na aldeia revelou-se um desafio: quando chegou, foi para uma casa com sete crianças dos 3 aos 17 anos. Já tinha tido contacto prévio com elas, em actividades



Cada criança que chega tem uma história de vida única, mas têm um traço comum: na sua maioria, foram negligenciadas e sofreram maus tratos físicos e psicológicos. (Dr. Mário Rui)

A agressividade pode manifestar-se de três formas: para objectos, para pessoas e para si próprias. (Dr. Filipe Saramago)



anteriores, mas ser mãe social e criar laços com elas, dá à Ana Paula a possibilidade de salvar vidas. Revela que os primeiros três meses foram os mais complicados, porque era uma situação instável. No primeiro impacto, percebeu que estas crianças tinham uma grande carência afectiva, medos muito enraizados, falta de auto-estima e comportamentos complicados de gerir.

Segundo o psicólogo da Aldeia de Crianças de Bicesse, o Dr. Filipe Saramago, a agressividade pode manifestar-se de três formas: para objectos, para pessoas e para si próprias. A Ana Paula experienciou duas das faces da agressividade. Uma das suas crianças, com mais de dez anos, auto-agredia-se quando era contrariada. “Foi uma batalha”, desabafa. Esta criança fugia e atirava-se para o chão quando tinha estas crises que a deixavam num grande estado de nervosismo. No entanto, o seu irmão era muito agressivo para as outras pessoas. Foi complicado para a Ana Paula conseguir que ele percebesse que não lhes podia agredir, pois ele estava habituado a estes comportamentos quando ainda estava com a sua família biológica. Pensava que bater era sinónimo de respeito. Chega a afirmar que assim era tratado como um homem. Ambos foram vítimas de maus tratos e negligência.

Outra das suas crianças, já no 3º ano, fazia chichi na cama todos os dias. Tinha muitas dificuldades na escola e uma auto-estima muito baixa. Após seis meses de tratamento e de

apoio da Ana Paula, esta criança já não urina na cama e teve grandes melhorias escolares.

A Ana Paula compara o crescimento destes meninos com o de uma casa. Começam-se pelos alicerces, as bases, mas quando estes começam tortos (que é o caso da maioria) e a casa já está construída, não se podem arranjar os alicerces. O que a Ana Paula tenta fazer é construir outras bases ao lado, que assegurem as outras. “Aparentemente, eles estão numa casa muito bonita, mas há mínima coisa eles podem desmoronar completamente”, explica. Esta mãe social e toda a equipa técnica têm um trabalho contínuo com estas crianças. Elas têm apoio psicológico na Aldeia e, nos casos mais complicados, em hospitais.

A Ana Paula é a principal responsável pela felicidade e bem-estar das suas crianças. O seu trabalho e entrega têm resultado numa grande evolução. Eles tratam-na por “mummy” e agradecem-lhe todos os dias com gestos que valem mais do que mil palavras. No dia da mãe, todos lhe deram um livro com fotos deles e uma mensagem escrita num papel muito colorido: “Gostamos muito de ti porque tu és de todas as cores”. A Ana Paula sabe que não foi apenas ela que entrou no mundo das suas crianças: elas também entraram no seu. É nesta família, com esta mãe social, que se salvam vidas...

A Sabina Ventura é uma das jovens que está a viver com a Ana Paula. Ela é uma rapariga

alegre, que está sempre a rir. Com 19 anos, conta que veio para a Aldeia aos três meses de idade com os irmãos. Não se lembra de nada e diz que é uma sortuda por isso acontecer. No entanto, os irmãos têm recordações dessa altura e a Bina, como gosta que lhe chamem, sabe qual o motivo que a levou à Aldeia. A Bina nasceu numa casa sem condições em Foz Côa com os pais e os seus quatro irmãos mais velhos. A mãe era agredida pelo pai e negligenciava os filhos. Um deles morreu, asfixiado, quando ainda era bebé. Foi o mais velho dos irmãos que, perante esta situação de instabilidade, assumiu a liderança e tentava cuidar dos mais novos. Era uma tarefa difícil e acabou por resultar em marcas físicas ao enfrentar o pai. A Sabina tem consciência de que se não tivesse vindo para a Aldeia, era provável também ter falecido, como a irmã.

É na Aldeia que ela guarda as suas melhores recordações. “Sou muito feliz aqui dentro”, afirma com um sorriso. Como é a mais velha da instituição, tenta dar apoio aos mais novos e ajudá-los a superar os problemas. Actualmente, está num curso técnico-profissional de Animação e quer ir para a faculdade tirar Psicologia. A Bina está a tirar a carta de condução, que conseguiu pagar com o seu dinheiro, pois tem trabalhado durante as férias do Verão para conseguir pagar algumas coisas que ambiciona. No ano passado, trabalhou como monitora e animadora numa colónia de férias. Este ano, pretende fazer o mesmo.

Uma das coisas que aprendeu na Aldeia é que “nós somos influenciados indirectamente pelas pessoas com quem vivemos”. Bina diz que é um acto inconsciente. Os seus dois irmãos mais velhos que também foram para a aldeia já saíram e estão bem: trabalham e partilham uma casa.

Nem tudo tem sido fácil para a Bina... Apesar de ter tido sorte, como afirma, em ter vindo para a Aldeia, sofreu algumas rejeições: o que a deixou muito magoada e revoltada. A mãe biológica voltou a entrar em contacto quando tinha oito anos e prometeu levá-la quando ela fizesse os treze. Mantinha algum

contacto e a Bina ansiava por esse dia. Afinal, não deixava de ser a sua mãe e ela sonhava em viver com ela. O dia 16 de Maio, o seu dia de aniversário, passou sem qualquer contacto, nem mesmo um telefonema... A partir desse dia, a Bina não quis falar mais com ela. Agora, a sua mãe de coração é a Ana Paula. É ela que vai ser o seu modelo de referência quando tiver uma família.



A Sabina no quarto com a sua “mummy”, a Ana Paula.

Numa palavra, a Bina descreveria a Aldeia como “incrível”. Ela não escolheu esta vida, mas está muito agradecida por tê-la. Aqui, com a ajuda de todos os que trabalham na Aldeia, a Bina cresceu num ambiente saudável e seguro. Os seus problemas, agora, são iguais aos de quase todas as adolescentes: o amor não correspondido. Quando lhe perguntei qual é que tinha sido o melhor momento da sua vida, ficou pensativa. Não porque não tivesse nenhum, mas porque tinha muitos. Acabou por dizer que se tivesse de dizer só um momento, era a sua vinda para a Aldeia, por tudo aquilo que lhe tinha proporcionado.

A barraca onde cresci

As raízes do Pátio 208, no Vale de Chelas, remontam aos finais do séc. XIX. Eram quintas que, por volta de 1910, começaram a receber pessoas do Norte que vinham à procura de trabalho e de uma vida melhor. Aos poucos iniciou-se a construção de barracas com tábuas de madeira. Com o passar do tempo, essas quintas começaram a ser abandonadas, os seus

A Sabina tem consciência que se não tivesse vindo para a Aldeia, era provável também ter falecido, como a irmã.

proprietários morreram e os herdeiros deixaram de se interessar. Assim, surgiu o Pátio. Naquele espaço, em 1997, viviam 145 pessoas.

Fui a dois bairros de realojamento: ao Bairro dos Alfinetes e ao Bairro Marquês de Abrantes, na Zona J de Chelas. Nestes bairros encontrei as pessoas que foram realojadas depois da destruição do Pátio no ano 2000. Já passaram mais de dez anos... As portas dos prédios estão abertas, todos se conhecem e reúnem-se junto à entrada dos cafés, sentados em muros e em escadas. Quando alguém desconhecido chega, olham com desconfiança. Depois de me apresentar e conquistar a sua simpatia, ao longo de vários dias, começam a contar-me algumas coisas que poderiam passar-me despercebidas. Os toxicodependentes estão numas escadas escondidas do olhar dos outros e consomem. As pessoas falam muito alto, discutem e “oferecem porrada” a quem os desafia. Contam-me que à noite costuma haver tiros e mostram-me o buraco nos estores.

Vejo um miúdo que não deve ter mais de doze anos a bater num cão, mas este encolhe-se e não ataca. Quando se levanta outra vez, o miúdo volta a bater-lhe com força. Percebi que o cão estava habituado a ser agredido, mas que o miúdo também estava habituado a agredir os mais fracos. Deduzi que estava a olhar para um miúdo que era vítima e se estava a tornar agressor. É naquele ambiente de droga e agressividade que as crianças mais novas brincam na rua. É este o modelo de vida que elas estão a receber e é esta a linhagem que elas deverão seguir se ninguém as ajudar.

Todos têm boas recordações do Pátio! Falaram-me das festas que faziam, do convívio entre todos. Concordam que ali têm muito mais condições, nem que seja pela luz e água. Já não precisam de se lavar em alguidares... As suas necessidades já não são feitas no balde que existia no meio de cada barraca (partilhado por todos os membros da família) e que depois era despejado no contentor público do lixo. As ratazanas do esgoto entravam nas barracas durante a noite: eram maiores do que gatos.



A Fernanda é uma das pessoas mais velhas que vivia no Pátio. Nasceu, cresceu e viveu nesse espaço durante mais de 50 anos. Ela teve onze irmãos e, devido à sua educação, criou os seus sete filhos com base na violência. Vê-se como uma vítima... “Eu estou aqui num inferno...”, diz com ódio. Ela teve o seu primeiro filho aos 16 anos e todos os anos engravidava. No total, teve dez filhos, mas três deles faleceram.

A Fernanda lamenta-se que os filhos não querem saber dela e que lhe falam com agressividade. Não consegue perceber a razão.

Afinal, castigava-os quando se portavam mal e faltavam ao respeito. Explicou-me alguns desses castigos que dava aos filhos, mas há um que caracteriza bem o que ela lhes fazia. Um dos filhos, ainda muito novo, gostava de ir buscar os ovos às galinhas para comer, sem autorização dos pais. Um dia, quando a Fernanda descobriu quem fazia desaparecer os ovos, decidiu agir. Cozeu dois deles, chamou o filho e pôs-lhe um ovo em cada mão, ainda a ferverem. Com um pano, amarrou-lhe as mãos e apenas quando os ovos já estavam frios é que o desamarrou. A Fernanda diz com orgulho que o filho nunca mais voltou a tirá-los da galinha – aprendeu a

É naquele ambiente de droga e agressividade que as crianças mais novas brincam na rua.

lição. Pergunto-lhe onde está esse filho: está preso por ter assaltado uma mulher grávida, que matou à facada.

O marido da Fernanda, que já faleceu, era alcoólico e batia na mulher e nos filhos. Todos tinham medo dele... Este homem, com 32 anos, violou a Fernanda quando tinha 13. Foi preso durante alguns anos, mas quando saiu, engravidou-a e foram viver juntos. Quando estava grávida, ele voltou a ser preso por agredir um vizinho. A Fernanda descreve a violação como um acto de amor.

No entanto, conta que o marido lhe batia. Chegou a ir várias vezes ao hospital devido aos maus tratos físicos. Quando ele teve uma trombose e passou a precisar de andar de cadeira de rodas, inválido, atirava-lhe coisas à cabeça e dizia: “Antes de eu ir vais tu primeiro”.

A Fernanda vive agora sozinha, com o seu companheiro já reformado. Juntou-se a esse homem depois de o marido falecer, mas os filhos nunca gostaram dele. Porquê? A Fernanda diz que é por ele “ter o problema da bebida”, mas sei de outras fontes que o problema é muito mais grave. O companheiro da Fernanda abusou da filha com dois anos de idade, ainda antes de se juntarem. Quando se mudou para a barraca dela, as crianças já tinham saído.

Um dos filhos da Fernanda tinha um problema de toxicod dependência, assim como a mulher. Tiveram três filhos, mas devido à droga, as alucinações mostravam bichos e monstros em vez de crianças. Os dois primeiros filhos foram viver para a barraca de outros familiares. No entanto, como não tomavam qualquer precaução, voltaram a ter outro filho. Ele ficava fechado em casa, sozinho, durante todo o dia, apenas com uma tigela de água e arroz para se alimentar. Isto porque a mãe tinha de se ir prostituir e o pai fazer assaltos: precisavam de dinheiro para a heroína. Com cerca de um ano de idade, a criança tentava sobreviver. Quando alguém fez queixa e a polícia conseguiu ir buscar a criança, esta tinha marcas de queimaduras de cigarro... A fome, as marcas físicas e o seu estado de saúde muito débil, fizeram com que a criança fosse retirada dos pais.



A entrada do Pátio.



Ao pé da árvore, era a sua barraca e a da Margarida.



Uma festa no Beco das Taipas lembra o ambiente do Pátio.

A Fernanda ficou a cuidar de uma neta, a Joana¹ (irmã da criança que foi retirada aos pais). Poderia ter sido melhor para ela, mas como a avó já tinha o seu novo companheiro, revelou-se um pesadelo. Uma das filhas da Fernanda, a Margarida, descobriu que a Joana sofria de abusos sexuais do companheiro da mãe. Chamou a polícia... Mais tarde, os técnicos que estavam a fazer intervenção comunitária no Pátio confrontaram as outras pessoas. Quase todas sabiam o que se passava, mas também elas tinham sido molestadas sexualmente durante a infância. Achavam que isso era uma fase normal no crescimento de uma rapariga, como ter a monarca...

A Joana foi retirada da avó e foi para uma instituição aos oito anos de idade, para salvaguardar a sua segurança e bem-estar. Quando saiu de lá, ganhou a vida a prostitui-se, pois era aquilo que sabia fazer e o mundo que conhecia. Actualmente, com vinte e dois anos, está presa há dois anos em Salamanca por tráfico de droga.

**Aqui, perdem-se vidas e
criam-se agressores...**

A Fernanda começou a trabalhar aos dez anos de idade, das 8 da manhã às 18 horas da tarde. Saiu da escola porque os pais queriam que ela trabalhasse para comer. A sua mãe disse-lhe: “não dás nada na escola, vou-te pôr a trabalhar”.

Fui com a Fernanda conhecer o local onde era o Pátio. Um espaço que não era maior do que 200m². Neste terreno degradado viviam mais de 100 pessoas, com barracas de cerca 10m² (para quatro pessoas)... A viagem traz-lhe boas recordações! Entra com alegria numa mercearia que ainda existe à entrada do local onde era o Pátio e cumprimenta o dono, o Sr. Fernando. Mais à frente, há uma festa de ciganos no Beco das Taipas. São prédios velhos e degradados que eles ocuparam. As pessoas estão na rua e festejam com música, comida e bebida. A Fernanda confessa que lhe fez lembrar as festas que faziam no Pátio...

A infância destas pessoas determinou o desenrolar das suas vidas. No Pátio, a agressividade passou de geração em geração. Todos os filhos e os netos da Fernanda estão com problemas na vida, sejam processos judiciais por agressão, a cumprir pena na prisão, desempregados, com problemas de alcoolismo ou de toxicoddependência, etc. As pessoas encontram-se dentro do labirinto, presas aos ramos que lhes ferem a pele. Elas não conseguem encontrar a saída e mudar a sua vida... À medida que o tempo passa, há mais vítimas e mais agressores. As pessoas envelhecem e passam o legado aos filhos... Vêm-se mais tarde sozinhos, impotentes e com medo que os outros se virem contra eles. Aqui, as pessoas conhecem e vivem noutra realidade. Aqui, perdem-se vidas e criam-se agressores...

A caminho do sucesso

Voltamos à Aldeia de Crianças SOS, mas em Bicesse. A Rafaela Augusto, de vinte e dois anos, está na aldeia desde os seus dois anos e encontra-se em fase de saída. Quando fez os dezanove anos saiu de casa e entrou para o Lar de Jovens. Foi nessa altura que entrou para a faculdade em Lisboa, no ISLA, para tirar o curso de Gestão Hoteleira. Actualmente, está a terminar o curso. Entrou agora em época de exames e no Verão vai frequentar um estágio de dois meses e apresentar o projecto final de licenciatura. Próximo passo? Arranjar um emprego e procurar uma casa para arrendar e ganhar total autonomia.



Rafaela, 22 anos, está quase a ganhar total autonomia.

No lar de jovens, onde se encontra actualmente, já é independente. Vive aí sozinha

¹ Nome fictício para salvaguardar a sua identidade.

e é responsável por todas as tarefas, inclusive ir às compras e cozinhar. No início, eram quatro nesta casa, mas três delas já terminaram a faculdade, arranjam trabalho e começaram a construir a sua vida fora da Aldeia. Fala das suas antigas colegas de casa com orgulho: “Todas elas são umas grandes guerreiras.”



A Rafaela não tinha planeado ir para a faculdade, mas a sua mãe social Filomena e toda a equipa da Aldeia fizeram com que repensasse. “À medida que estamos prestes a fechar um ciclo, eles vão sempre nos acompanhando”, refere. Está muito feliz com a decisão que tomou porque afirma que cresceu muito. Este mês tomou um passo muito grande: comprou o seu primeiro carro. Está felicíssima e procura tratar do seguro e da inspecção para poder começar a conduzi-lo.

Quando sair da Aldeia, pretende vir fazer visitas. Principalmente porque quer manter o contacto com as outras crianças e a sua mãe social, que trata e considera Mãe. “Eu tive uma infância maravilhosa”, explica. “Se chegar a ter filhos, gostava de lhes poder dar tudo aquilo que tive aqui na instituição”. O seu pior receio é alugar uma casa, mas depois não conseguir mantê-la. Vai lutar para que isso não aconteça.

A Rafaela chegou à Aldeia com os seus três irmãos mais velhos, quando tinha dois anos de idade. “Se não tivesse vindo, muitas coisas poderiam estar perdidas... Essa realidade assusta-me”, confessa. Ela acredita que se a Aldeia nunca a tivesse acolhido, as coisas poderiam ter sido bastante diferentes: não ter

“Se não tivesse vindo, muitas coisas poderiam estar perdidas... Essa realidade assusta-me” (Rafaela)

estudos, viver na rua, andar a mendigar e a lutar para comer.

Foram os seus irmãos que lhe contaram o porquê de ter vindo para a Aldeia. O pai deles passava muitos meses fora de casa devido ao seu emprego. A mãe é que era a responsável por eles, mas tinha problemas psicológicos e acabou por negligenciar os filhos. De manhã, saía de casa e deixava-os sozinhos (tinham todos menos de oito anos). Dizia que ia buscar comida, mas voltava sempre muito tarde e sem nada. Era a irmã mais velha que ia bater à porta das vizinhas para pedir algo para comerem e algum dinheiro para cuidar dos irmãos. Na última vez, a mãe fechou-os em casa, sozinhos e sem comida, durante uma semana. A Rafaela não tem actualmente contacto com a sua mãe biológica: é-lhe uma pessoa indiferente. Mas, mantém contacto regular com o pai.

A Rafaela deixa a seguinte mensagem: “Eu agradeço à Aldeia por me ter acolhido e me ter dado uma família que eu amo. Tenho imensos irmãos... Agradeço a caminha quentinha que ela me deu no Inverno, a roupa, os brinquedos, a comida... Agradeço sobretudo por me ter dado uma infância muito feliz. Tive tudo!”

Recorda as férias de Verão na Aldeia do Meco com grande alegria. Foram aí os seus melhores momentos, junto das outras crianças, os seus irmãos. A Rafaela conta que a sua mãe Filomena nunca desistiu dela e que acreditou sempre no seu sucesso.

Os receios podem existir, mas a força interior da Rafaela é mais do que suficiente para continuar esta caminhada, com rumo ao sucesso.

A filha que perdi

Regresso à Zona J de Chelas, mas desta vez para falar com a Margarida, filha da Fernanda. A Margarida tem agora trinta e oito anos. Ela também nasceu e viveu no Pátio até ser realojada no Bairro dos Alfinetes. Tem muitas saudades do Pátio, apesar das poucas condições. Fala-me nas festas, no sentimento de família entre todos e nas actividades que organizavam. Conta com alegria as noites em que todos acabavam em “porrada”.



A Margarida com o seu primeiro filho, no Pátio.

A Margarida teve três filhos, duas raparigas e um rapaz, mas actualmente só está a cuidar da mais nova que tem dez anos. A Margarida foi vítima de maus tratos pelo pai e pela mãe. Guarda carinho pelo pai, apesar de confessar que ele a tratava mal. Diz que o pai nunca a deixou estudar porque tinha de trabalhar. Se não, não comia. “O meu pai tirou-me da escola para ir lavar escadas”, diz. Quanto à sua mãe, a Fernanda, não gosta dela e guarda-lhe rancor. Afirma que para a mãe, tudo é traduzido em dinheiro. Até quando lhe pedia para ficar com os netos, tinha de lhe pagar ou ela não aceitava. Diz que foi uma prima sua que a criou e não a mãe, que a deixava à chuva quando ainda usava fraldas.

O seu filho mais velho já saiu de casa e está a trabalhar na Figueira da Foz. Ele conseguiu ter a sua autonomia. A sua segunda filha foi-lhe retirada por maus tratos, quando tinha três anos de idade. Nunca mais a viu e a Margarida sonha em reencontrá-la. A mais nova, que vou chamar de Lara, está a estudar no 3º ano e é uma rapariga alegre. Foi esta criança que me explicou o que era a droga. Disse-me que vê as pessoas na rua a prepará-la e a consumi-la. Quando lhe pergunto se ela sabe o que isso é,

explica-me que é como o tabaco: uma coisa que faz mal. Descreve como é que se prepara a droga que é aquilo que vê nas ruas do seu bairro.

O actual marido da Margarida, pai da Lara, levou uma facada à porta de casa por um familiar da mulher. A Lara era pequena e estava presente quando isso aconteceu. Este homem esteve muito mal, mas acabou por sobreviver. É o único que trabalha na casa, mas o seu ordenado não chega para pagar as despesas. Nota-se a agressividade na Margarida, embora só a demonstre quando se chateia com alguém. Foi notório quando afirmou que ia bater na assistente social se ela não a ajudasse a pagar as dívidas.

A sua segunda filha foi-lhe retirada por maus tratos, quando tinha três anos de idade.

A vida foi difícil para a Margarida. Actualmente, isola-se na sua casa (no 5º andar). Não fala com as irmãs, nem com a mãe. Vive longe dos olhos do mundo, naquela casa, sem trabalhar e sem amigos. A Margarida foi vítima, mas também é agressora (embora não se veja como tal).

A vida que eu não escolhi

Voltamos à Aldeia de Crianças SOS, em Bicesse. Desta vez, com destino à casa da mãe Filomena. É aí que conheço a Vanessa², que saiu há mais de 15 anos da Aldeia. É ela que me vai contar a história da sua vida.

A Vanessa veio para a Aldeia quando tinha nove anos com os seus três irmãos mais novos. O pai destas crianças maltratava-as fisicamente, assim como agredia a mulher. A Vanessa lembra-se de todo este passado sombrio. Diz que não havia condições em casa, desde o espaço pequeno até ao facto de não haver água nem luz, que era cortada por falta de pagamento. Eles passavam fome e viviam em grandes dificuldades, o que fez com que a sua mãe tentasse suicidar-se várias vezes. Chegou o dia em que ela conseguiu matar-se. A Vanessa assistiu a tudo...

² Nome fictício para salvaguardar a sua identidade.

Foi assim que estas quatro crianças foram retiradas aos pais no início dos anos 90. Chegaram à Aldeia e foram acolhidas pela mãe Filomena. As coisas corriam bem... A Vanessa diz que agradece muito a esta mulher por algumas acções que visavam ajudar os seus irmãos mais novos. Reconhece-lhe a dedicação e, durante cinco anos, foi a sua mãe.

No entanto, as coisas não correram da melhor forma. Em 1996, ela recebeu a má notícia: iam voltar para a sua família biológica. A Vanessa era boa aluna e custou-lhe muito abandonar a escola onde estava. Esta decisão mudou o percurso de vida destas crianças e a Vanessa refere com tristeza que “tudo podia ter sido diferente”.



Ela não percebe o porquê dessa decisão, por isso fui falar com uma assistente social que ajudou muito um dos irmãos da Vanessa quando esteve com problemas (mesmo não pertencendo à Aldeia). Apenas com uma ordem do tribunal é que estas crianças poderiam ter ido viver novamente com a família. A Aldeia tentou ajudá-las monetariamente para assegurar a educação das crianças, mas as coisas não correram como deveriam ter corrido.

Na altura, pensaram que seria a melhor coisa para estas crianças. Como a própria Vanessa diz: “todos nós cometemos erros”, mas não deixa de ter alguma mágoa pela

instituição. “Foi como se me tivessem dado asas, e depois cortaram-nas”, explica.

Estas quatro crianças foram viver para uma casa onde vivia a avó – com muitos problemas de saúde - e os tios, que sofriam de alcoolismo e eram muito agressivos. A Vanessa só aguentou ficar naquela casa durante pouco mais de um mês.

“Tudo podia ter sido diferente” (Vanessa)

No último conflito em que entrou, a tia deixou um dos seus irmãos a sangrar e em pânico. A Vanessa, ao tentar proteger o irmão, foi também ameaçada pelo tio. Decidiu fugir... Viveu em casa de amigos e na rua, até que aos 15 anos conseguiu arranjar um emprego ilegal e alugar um quarto para dormir. Assim, foi sobrevivendo até aos dias de hoje.

A força de vencer fez com que a Vanessa nunca desistisse dos estudos! Quis terminar o 12º ano, enquanto trabalhava para se sustentar e, actualmente, está a tirar o curso de enfermagem e a trabalhar com idosos. Conseguiu comprar uma casa, tem um companheiro que a apoia e vive em paz consigo própria, apesar de tudo.

Um ano mais tarde de ter saído da casa dos familiares, a segurança social voltou a intervir e retirou os seus irmãos daquela casa. Dois deles foram para uma instituição, enquanto outro ficou sozinho noutra. Chegaram a contactar a Vanessa para ir também, mas ela não quis. Preferiu tentar sobreviver sozinha.

Um dos irmãos, teve graves problemas de toxicod dependência. “Ele chegou ao fundo”, explica. A Vanessa tentou sempre protegê-los, como se fosse a mãe e, com a ajuda da assistente social da Aldeia, conseguiu que o irmão fosse para uma clínica de reabilitação. Na verdade, quando eles estão com problemas, ela nunca os abandona. Vão para a sua casa e ela tenta ajudá-los da melhor forma.

O último contacto que teve com o seu pai biológico, foi decisivo para a Vanessa cortar qualquer ligação. O pai dela ofereceu ajuda ao irmão toxicod dependente, mas após uma discussão, acabou por ir buscar uma espingarda e apontar aos filhos. A partir daí, nunca mais

quis vê-lo. Não lhe deseja mal, mas quer distância.

Esta é a vida que a Vanessa não escolheu, mas que, apesar de todas as decepções e dificuldades que a vida lhe entregou, pegou em tudo e deitou para atrás das costas. A Vanessa é uma grande guerreira! Conseguiu tudo na vida devido ao seu trabalho. Não gosta de se vitimizar, mas desabafa que tem vivido momentos difíceis.

Neste caso, a Vanessa venceu as adversidades, sozinha. Passou pela Aldeia e sentiu que lhe tinham cortado as asas, mas descobriu que conseguia voar. Reconhece que a Aldeia tem muitas coisas boas, mas que tomou uma má decisão em relação a ela e aos irmãos. Todos cometem erros, e o nosso sistema de justiça não é exceção. O importante é aquilo que retiramos das lições de vida e o que fazemos com elas. A Vanessa fez o melhor que conseguiu com a única arma que tinha: a sua força interior.

Cada uma destas pessoas tem uma história de vida única. A agressividade é um legado que passa de geração em geração, mas que é possível quebrar quando a nossa força interior é superior a qualquer adversidade. A isto chamamos resiliência.

A Sabina e a Rafaela tiveram sorte. Podem dizer que são felizes e agradecem-no à Aldeia que as acolheu. Foi neste local que receberam o calor de um lar. Elas foram vítimas quando eram ainda muito novas e, se não tivessem sido salvas, podiam ter falecido ou ter tido uma história de vida muito diferente, como adoptar os comportamentos dos pais. Vêm-se agora com uma vida à frente, recheada de oportunidades que elas têm de saber aproveitar.

A Vanessa continua a lutar sozinha pela vida que ambiciona. Pretende viver a ajudar os outros, para além dos irmãos mais novos, e por isso é que ama a enfermagem. Estudar e trabalhar é difícil, mas ela é capaz de fazer tudo para ser feliz. O segredo é: nunca desistir!

A Margarida e a Fernanda continuam no Bairro dos Alfinetes, isoladas do mundo. Vêm a violência que decorre nas ruas daquele bairro

com algum medo e esquecem-se que um dia foram aquelas pessoas. A Fernanda confessa que vê vultos de noite e que tem muito medo. A Margarida vive na esperança de voltar a reencontrar a filha que lhe foi retirada e pensa que assim os seus problemas terminariam.

O João continua a lutar para terminar o curso. Não é feliz, mas tem um plano de vida e agarra-se a isso. Tem ainda a esperança de tornar-se menos agressivo, mas a caminhada ainda é longa. Acredita que a pior coisa que lhe podia acontecer agora era ter um acidente e morrer, pois ainda tem muita coisa para viver. Aqui, como disse no início, não há dragões, nem duendes, nem bruxas, como nos contos de fadas... Há guerreiros! E é com este guerreiro que termino e deixo a esperança que ele consiga quebrar este ciclo. E, para o ajudar neste longo caminho, dei-lhe aquilo que ele nunca teve da família: um abraço!